



**“Pensando no Passado Distante”:
Considerações sobre Raças, Pre-Existência, e Mortalidade¹
por Marcus H. Martins, Ph.D., 1999**

Um artigo publicado no jornal *Los Angeles Times* em maio de 1998 causou considerável discussão entre muitos Santos dos Últimos Dias nos Estados Unidos. O artigo relatou que alguns indivíduos estariam solicitando à Autoridades Gerais da Igreja que repudiassem certas declarações feitas no final do século 19 e início do século 20 a respeito do status de negros e outras raças que não a branca no evangelho.

Três meses depois eu tive a chance de apresentar palestras sobre a “Declaração Oficial-2” contida no livro “Doutrina e Convênios” para aproximadamente 800 professores e administradores de seminários e institutos de religião no simpósio anual do Sistema Educacional da Igreja, realizado na Universidade Brigham Young. A reação altamente positiva que recebi como resultado daquelas palestras, bem como de várias outras palestras que apresentei em outras partes dos Estados Unidos, me levaram a crer que a maioria dos Santos dos Últimos Dias de hoje em dia acham difícil conciliar aquelas declarações sobre relações raciais feitas no passado distante com a compreensão moderna da universalidade do evangelho restaurado.

Eu não posso falar oficialmente pela Igreja; entretanto, como um de seus sumo-sacerdotes eu posso pelo menos partilhar alguns dos meus pensamentos sobre o assunto obtidos ao longo de anos de estudo intenso e do exercício da fé. Desde já preciso deixar claro que eu respeito aqueles homens que várias décadas atrás propuseram idéias que hoje podemos achar difíceis de conciliar. Eles foram homens de grande fé que muito sacrificaram por essa Igreja, e eu reconheço a divindade de seus chamados. As declarações que fizeram a respeito de questões raciais representam uma parcela ínfima de ministérios que em outros aspectos foram poderosos e inspiradores. Eu prefiro me concentrar no legado positivo que eles nos deixaram—um legado de fé, boas obras, e sacrifícios pelo reino. Dado o meu desejo de seguir os mandamentos do Salvador, eu sinto a disposição de perdoar quaisquer daqueles homens por possíveis ressentimentos que tenham tido em relação a alguém como eu. Como eu tenho afirmado em várias ocasiões, uma vez que o Senhor tem perdoado as minhas falhas, quem sou eu para não perdoar as falhas dos meus irmãos?

Isto posto, quero começar prestando o meu testemunho da veracidade do evangelho restaurado. Eu sei pelo poder do Espírito Santo que a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é o reino de Deus na terra, liderado por verdadeiros profetas do Altíssimo, portadores do sacerdócio de Deus, e que recebem revelações do Todo-Poderoso para guiar e abençoar nossas vidas tanto no tempo como na eternidade. Nossa doutrina é sã. E quando focalizamos os princípios fundamentais derivados das revelações modernas, encontramos conforto e contínua afirmação de que a despeito de quaisquer outros fatores somos literalmente irmãos e irmãs-filhos do mesmo Deus.

Há alguns anos atrás, após ponderar nas doutrinas restauradas sobre a existência pré-mortal e sobre as possibilidades futuras disponíveis à toda humanidade através da expiação de Jesus Cristo, eu compreendi

¹ Esta é uma versão editada, expandida, e adaptada para a língua portuguesa, de um discurso apresentado numa reunião do Genesis Group, um ramo de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, em Salt Lake City, Utah, no dia 1 de Agosto de 1999. Algumas das idéias incluídas neste ensaio haviam sido apresentadas anteriormente em monografias e discursos datados desde Março de 1995.

que por causa do chamado véu do esquecimento nós não conseguimos recordar as nossas verdadeiras identidades. Durante a nossa experiência mortal tudo o que sabemos a respeito de nossa identidade baseia-se no que outras pessoas acham que nós somos, e no que nós mesmos achamos que somos.

Contudo, neste estágio mortal frequentemente tendemos a nos julgar mutuamente baseados em critérios externos. Notamos e categorizamos os aspectos físicos dos nossos corpos: cor de pele e olhos, tipo de cabelo, ou então acessórios tais como roupas, carros, propriedades, ou outros aspectos mais ou menos intangíveis como idiomas, sotaques, conhecimento, sabedoria, experiência profissional, honrarias, títulos, graus, etc. Em geral, estas imagens externas, ou fachadas, são tudo o que vemos uns nos outros, e quase sempre nos satisfazemos com esse tipo de conhecimento.

O segundo tipo de auto-conhecimento-aquele provido pela resposta à pergunta “o que achamos que somos”—me parece uma alternativa melhor porque, se acreditamos no evangelho restaurado de Jesus Cristo, tal pergunta permite que nos vejamos corretamente dentro do contexto de duas doutrinas básicas: nossa filiação divina e a expiação do Senhor Jesus Cristo.

Nossa Verdadeira Identidade e Valor

O conhecimento de nossa filiação divina e da expiação têm um papel crítico no redescobrimto de nossa verdadeira identidade. De acordo com essas doutrinas, todos os seres humanos—quer sejam asiáticos, caucasianos, negros, hispânicos, ou qualquer outra variação ou combinação racial—são progênie de Pais Celestiais, criados em sua imagem e semelhança. Conseqüentemente, dentro de cada um de nós—a despeito de quem sejamos, de onde ou como vivamos—brilha a centelha da divindade, na forma de características e virtudes divinas, e potencial ilimitado.

Falando a respeito do nosso valor, o Senhor disse: “Lembrai-vos de que o valor das almas é grande à vista de Deus; Pois eis que o Senhor vosso Redentor sofreu a morte na carne”² Paulo ensinou nós fomos comprados por Cristo através do seu sangue³. Por isso, a expiação provê uma resposta à antiga questão filosófica sobre o valor da vida humana. Cada ser mortal vale a vida do Salvador—e visto que ele é Deus, infinito e eterno⁴, podemos afirmar que cada membro da família humana possui um valor infinito.

Baseado nos incompletos relatos escriturísticos disponíveis no final do século 20, parece que por um certo período de tempo após a Queda de Adão deve ter existido uma única raça sobre a terra. Hoje em dia só podemos especular quanto à verdadeira aparência daquela primeira raça. Nos primeiros anos desta dispensação, os profetas Joseph Smith Jr. e Lorenzo Snow ensinaram que numa certa época da eternidade o próprio Deus habitou um planeta como o nosso⁵. Se refletirmos sobre este ensinamento por algum tempo, concluiremos que certamente ele teve uma família, um trabalho, uma cultura, uma nacionalidade, e poderemos também admitir como inevitável que ele tenha pertencido a algum tipo de grupo racial, inimaginável na atualidade. E isto inevitavelmente nos leva às seguintes perguntas: Poderia o Senhor, em sua existência mortal, ter experimentado algum tipo de preconceito ou discriminação? Poderia ele ter passado pelas mesmas experiências que certos grupos raciais ou étnicos já passaram (ou estão passando) no nosso planeta? Se assim for, será que ele permitiu que tais coisas acontecessem a fim de que melhor entendêssemos sua experiência e a extensão de sua misericórdia e amor?

² Doutrina & Convênios 18:10

³ Novo Testamento, Atos 20:28; 1 Coríntios 6:20; 7:23

⁴ Livro de Mórmon, Mosias 15:1-4; Alma 34:10,14

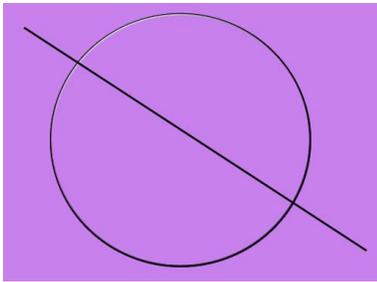
⁵ O profeta Joseph Smith ensinou: "... o próprio Deus, o Pai de todos nós, habitou sobre uma terra ...," e o presidente Lorenzo Snow declarou: "O homem é como Deus já foi; E pode vir a ser como Deus é." (Ensinamentos do Profeta Joseph Smith, página 337; Teachings of Lorenzo Snow, p.2)

Infelizmente, no momento não temos respostas definitivas para essas perguntas; por isso as deixaremos para as pesquisas proféticas do futuro. Mas, se tais suposições forem verdadeiras, seria concebível que as palavras de Deus para aqueles que sofrem poderiam ser:

“Meu filho, paz seja com tua alma; tua adversidade e tuas aflições não durarão mais que um momento; ... Sê paciente nas tuas aflições, pois terás muitas; suporta-as, contudo, pois eis que estou contigo até o fim dos teus dias. ... Sê paciente nas aflições, não injuries aos que te injuriarem. ... Ai do mundo por causa das [ofensas;] porque é mister que venham [ofensas,] mas ai daquele homem por quem a [ofensa] vem!”⁶

Espíritos e Glória: Visualizando a Vida no Mundo Pré-Mortal

Como teria sido a vida de um espírito pré-mortal? Com as revelações atualmente disponíveis não podemos compreender—ou melhor, lembrar—nosso ambiente pré-mortal por causa das limitações físicas temporárias impostas como resultado da Queda de Adão. Na minha opinião atual, ao invés de um véu ou cortina tangível, o chamado véu do esquecimento poderia muito bem ser apenas uma condição temporária causada pela inabilidade de nossa imperfeita mente mortal de processar informações perfeitas e imortais⁷. Se isso for verdade, nós não “esquecemos” a nossa vida e labores pré-mortais; simplesmente o nosso cérebro mortal é incapaz de acessar inteiramente as informações que estão permanentemente gravadas no nosso cérebro espiritual.



Usando uma analogia geométrica rudimentar, podemos dizer que a tentativa de entender assuntos eternos usando ferramentas mortais seria comparável à tentativa de conectar todos os pontos de um círculo com todos os pontos de uma linha reta inflexível. A linha reta tocaria o círculo em somente dois pontos de cada vez, e uma conexão com todos os pontos só seria possível deslizando a reta sobre o círculo ao longo do tempo. Em outras palavras, uma conexão da reta com todos os pontos do círculo só seria possível incrementalmente, mas nunca simultaneamente.

Porém, a despeito desta limitação o conhecimento perfeito e imortal não é inteiramente inacessível aos mortais. A vida mortal se tornou possível pela combinação de matéria terrestre corruptível e matéria espiritual glorificada. Através do poder do Espírito Santo uma pessoa pode “sentir” a realidade dos reinos eternos e a veracidade de conceitos celestiais mesmo enquanto temporariamente incapaz de vê-los ou entendê-los completamente. O Senhor declarou que os elementos são o tabernáculo de Deus, e que os próprios seres humanos são o tabernáculo de Deus⁸. Dessa forma, uma vez que nossos imperfeitos corpos mortais são vivificados por um grau infinitesimal do poder divino, nossa mente mortal pode perceber ou sentir conceitos eternos quando sente as insinuações ou impressões da eternidade transmitidas pelo poder do Espírito Santo. O profeta Joseph Smith ensinou: “Todas as coisas ... que Deus ... achou conveniente revelar-nos, enquanto vivemos na mortalidade, ... nos são reveladas de maneira abstrata e independente ... deste tabernáculo mortal, mas são reveladas ao nosso espírito exatamente como se não tivéssemos um corpo ...”⁹

⁶ Doutrina & Convênios 121:7; 24:8; 31:9; Novo Testamento, Mateus 18:7. Colchetes adicionados com texto da versão do Rei Tiago (em Inglês). Em Português lê-se "escândalos" ao invés de "ofensas".

⁷ Convém lembrar que esta opinião pessoal é baseada no conhecimento disponível atualmente (1999). Futuras declarações proféticas trarão maior luz sobre esse assunto.

⁸ Doutrina & Convênios 93:35

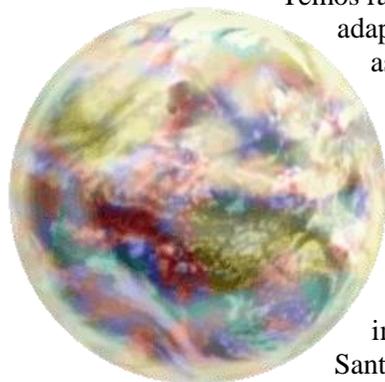
⁹ Ensinamentos do Profeta Joseph Smith, página 347

Usando outra analogia rudimentar, observemos uma corrente elétrica passando pela água. Embora a água ofereça resistência à passagem da corrente elétrica, os minerais em suspensão na água conduzirão a eletricidade. O mesmo poderia ser dito em relação à interação do Espírito do Senhor com nossas almas¹⁰. Muito embora os elementos decaídos de nossos corpos ofereçam resistência ao poder do Espírito Santo, os elementos espirituais de nossas almas permitirão que esse poder e seus consequentes efeitos—conhecimento, discernimento, e dons—fluam através de nós, se usarmos as ordenanças e procedimentos purificadores e santificadores prescritos pelo Senhor.

Uma palavra de cautela pode ser necessária neste ponto. Ao tentar visualizar a vida no mundo pré-mortal é preciso ter cuidado com a utilização de definições mortais imperfeitas para explicar conceitos imortais e perfeitos. Por exemplo, em esferas perfeitas e imortais termos como: progresso; fé; inteligência; nobreza; arbítrio; e valentia, referem-se a processos e atributos muito além de nossa compreensão mortal imperfeita.

Apenas como exemplo, consideremos por um momento o conceito de inteligência (definida neste momento como intelecto, razão, ou erudição) em um ambiente imortal. Um dos primeiros Apóstolos desta dispensação, Élder Parley P. Pratt, descreveu a matéria espiritual como “uma substância ... santa ... pura ... dotada de atributos intelectuais e afeições simpáticas” e que um espírito é “uma inteligência individual, um agente dotado de vida, com um grau de independência, ou vontade inerente, com poderes de movimento, de pensamento, e com os atributos de afeições e emoções morais, intelectuais e simpatizantes ... possuindo olhos para ver, ouvidos para ouvir, mãos para manipular; na posse dos órgãos do paladar, do olfato e da fala.”¹¹

Um outro Apóstolo, Élder Orson Pratt, acreditava que os espíritos possuem uma habilidade intelectual muito além das possibilidades mortais. Ele declarou:



“Temos razão para crer que no estado espiritual ... [o] meio de comunicação será adaptado à natureza e capacidade da mente de absorver uma variedade de assuntos e assimilá-los de uma só vez. ... [Existe] uma linguagem no mundo espiritual que pode comunicar à mente mais em um minuto do que se poderia aprender aqui em cem anos de intenso estudo e análise. Existe uma eternidade de conhecimento. Existem mundos, por assim dizer, inumeráveis; reinos inumeráveis; personagens inumeráveis; inumeráveis seres intelectuais de todos os graus e ordens; e todos eles possuem suas leis, seus governos, seus reinos, seus tronos, suas principalidades, seus poderes, todos se movendo e agindo na esfera na qual foram colocados; ... imperfeições serão eliminadas, e seremos capazes de pelo poder do Espírito Santo obter um idioma pelo qual os anjos falam, e pelo qual uma ordem superior de seres fala, e por esse meio atingir um maior grau de conhecimento, o qual produzirá uma maior medida de felicidade.”¹²

Baseado nestas declarações, a idéia de que certos espíritos pré-mortais possam ter sido ignorantes, estúpidos, ou indecisos, não pode ser aceita. Consequentemente, se certos espíritos pré-mortais que escolheram seguir o Salvador tiveram um menor grau de algum atributo ou característica, podemos dizer que aqueles mesmos espíritos provavelmente tinham inteligência, poder, conhecimento, pureza e

¹⁰ Observemos que o termo "alma" é definido nas escrituras como a união de um espírito imortal com um corpo mortal. Veja Doutrina & Convênios 88:15.

¹¹ [Journal of Discourses](#) 1:8

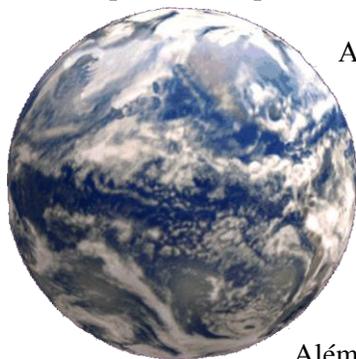
¹² [Journal of Discourses](#) 3:101-103; colchetes adicionados

santidade em grau superior ao do mais justo (porém ainda imperfeito) ser mortal. Os mortais só podem ser considerados superiores aos espíritos no sentido de que possuem corpos tangíveis com suas consequentes oportunidades de desenvolvimento e potencial de futura glorificação¹³ possibilitados pela Queda e a Expição.

Portanto, conceitos tais como: progresso, inteligência, bravura ou valor, devem ser usados com cuidado quando referindo-se às correspondentes virtudes perfeitas encontradas nos mundos eternos. Sem esse cuidado, as definições mortais para tais conceitos podem acabar sendo fortemente influenciadas por preconceitos sociais imperfeitos e ocasionalmente detestáveis. O uso descuidado de imperfeitas definições mortais para progresso, inteligência, e valor com o intuito de explicar seus correlativos imortais pode acabar numa tentativa fútil de imaginar sistemas preconceituosos e nocivos em esferas onde tais coisas não existem.

Chegando na Terra: Circunstâncias Atuais e Possibilidades Futuras

Após considerarmos algumas idéias sobre o ambiente pré-mortal, voltemos nossa atenção para a mortalidade. No passado alguns autores afirmaram que nossas atuais circunstâncias na terra (por exemplo: nacionalidades, raças, estado de saúde, renda, etc.) teriam nos sido impostas como recompensas ou punições por eventos desconhecidos ocorridos durante o estágio pré-mortal. Conquanto seja verdade que indivíduos são pré-ordenados no mundo pré-mortal, precisamos lembrar que a doutrina da pré-ordenação se refere a designações a serem cumpridas na mortalidade, e não deve ser automaticamente estendida a outros aspectos da experiência mortal.



Alguns escritores têm usado termos tais como: “afortunados” e “desafortunados” para categorizar os seres humanos de acordo com suas circunstâncias nesta vida. Eu levantaria outra palavra de cautela. O que queremos dizer quando afirmamos que um certo indivíduo é “desafortunado”? O adjetivo “afortunado” sugere sorte, acaso, ou fortuna. Se assim for, as pessoas têm inconscientemente avaliado umas às outras unicamente em termos de bem-estar material, ao invés de avaliarem fé, caridade, bondade, espiritualidade, e outras virtudes cristãs.

Além disso, existem outras implicações sutis e talvez mais sérias relacionadas com as consequências lógicas do conceito de ser “afortunado”. Isso significaria que alguns se consideram mais abençoados? Mais amados? Melhores (isto é, de melhor qualidade) em comparação com outros? Tais categorizações mortais e imperfeitas frequentemente negam a imparcialidade das misericórdias do Senhor¹⁴. E quem disse que conforto material e avanço tecnológico seriam os critérios que determinariam retidão e privilégios pré-mortais ou mortais?

Comparações baseadas em critérios mortais (nacionalidade, educação formal, poder econômico ou militar, posses materiais, confortos físicos) são o resultado de raciocínio humano imperfeito, geralmente ocidental, o qual tenta entender o mundo usando categorias e escalas baseadas em culturas locais, as quais por sua vez levam à divisão em classes. Por outro lado, o evangelho restaurado ensina que exaltação e vida eterna são inteiramente dependentes da nossa fé e obediência seguidas da misericórdia divina¹⁵, e que a salvação é oferecida a todos, independente de circunstâncias materiais. Néfi ensinou:

¹³ Ensinamentos do Profeta Joseph Smith, páginas 184, 317

¹⁴ Salmos 145:9

¹⁵ Livro de Mórmon, 2 Néfi 25:23

“[O Senhor] nada faz que não seja em benefício do mundo; porque ama o mundo a ponto de entregar sua própria vida para atrair a si todos os homens. Portanto, a ninguém ordena que não participe de sua salvação. ... Porque ele faz o que é bom para os filhos dos homens; e convida todos a virem a ele e a participarem de sua bondade; e não repudia quem quer que o procure, negro e branco, escravo e livre, homem e mulher; e lembra-se dos pagãos; e todos são iguais perante Deus, tanto judeus como gentios.”¹⁶

Nesta dispensação o Senhor disse o seguinte:

“E novamente vos digo: Que todo homem estime a seu irmão como a si mesmo. Pois qual é o homem entre vós que, tendo doze filhos que o servem obedientemente e não faz acepção deles, diz a um: Veste-te com mantos e senta-te aqui; e ao outro: Veste-te com trapos e senta-te acolá—olhando para seus filhos, diria: Sou justo? Eis que isto vos dei como parábola e é como eu sou. Digo-vos: Sede um; e se não sois um, não sois meus.”¹⁷

Baseados em passagens como estas, entendemos que nosso potencial e probabilidade de alcançar exaltação e vida eterna não são dependentes de eventos e circunstâncias da existência pré-mortal. É bem verdade que o Senhor declarou a Abraão que ele havia escolhido seus governantes dentre os nobres e grandes da pré-existência; contudo, o texto sagrado claramente indica que essa escolha se referiu a missões pré-ordenadas para a mortalidade, e não chances de salvação¹⁸. Além disso, o profeta Joseph Smith declarou que não há garantias, nem mesmo para aqueles que foram santificados¹⁹. Ser até mesmo uma autoridade geral da Igreja por si só não aumenta as chances de uma pessoa ser admitida na glória celestial. No máximo, tal chamado só aumenta o peso da responsabilidade colocada sobre os ombros daquele homem.

Frequentemente ouvimos a pergunta: “Nascer numa família SUD ativa [e/ou num ambiente abastado] é evidência de fidelidade pré-mortal?” No passado alguns sugeriram que um nascimento sob tais circunstâncias “favoráveis” poderia ser visto como uma recompensa por ações justas na pré-existência. Entretanto, se tal idéia fosse verdadeira, como poderíamos explicar o nascimento de Abraão num lar onde o pai era idólatra e abusivo? Ou como explicaríamos o fato de que entre os primeiros trinta-e-poucos profetas e apóstolos dessa dispensação nenhum deles nasceu numa família SUD? Associar circunstâncias materialistas com recompensas pré-mortais negaria a possibilidade de os governantes pré-ordenados pelo Senhor estarem nascendo em todas as nações e sob uma variedade de circunstâncias sociais e econômicas.

No máximo, podemos seguramente afirmar que nascer numa família SUD ativa apenas aumenta a probabilidade—mas não necessariamente garante—que alguém irá cumprir aqui na terra certas partes de sua missão pré-ordenada, e isso nada terá a ver com ações ou disposições pré-mortais.

A Hereditariedade de Bênçãos e Maldições

É verdade que em algumas ocasiões na história das dispensações o Senhor amaldiçoou certos indivíduos ou grupos de indivíduos; contudo, uma leitura cuidadosa das escrituras revela duas idéias importantes: Em primeiro lugar, que maldições são tão hereditárias quanto bênçãos. E assim como as bênçãos dos pais são conferidas aos filhos somente sob a condição de retidão individual, da mesma forma, maldições só

¹⁶ 2 Néfi 26:24, 33

¹⁷ Doutrina & Convênios 38:25-27

¹⁸ A Pérola de Grande Valor, Abraão 3:22-26

¹⁹ Doutrina & Convênios 20:29-34

podem ser transferidas de uma geração para outra sob condição de iniquidade²⁰. Assim sendo, ao invés de linhagens e feições devemos observar os nossos corações a fim de encontrarmos o povo favorecido do Senhor²¹. Em segundo lugar, observamos que detalhes cruciais a respeito daquelas maldições da antiguidade ainda não foram revelados. O Senhor declarou que toda lei (ou decreto) tem “certos limites e condições.”²² Quando lemos que um certo povo foi amaldiçoado, frequentemente não perguntamos por que motivo eles foram amaldiçoados, nem sob que condições a maldição foi imposta, e mais importante, sob que condições a maldição poderia ser retirada.

Creio que neste ponto seria sábio apenas citar as palavras do profeta Joseph Smith comparando os julgamentos de Deus com os dos homens:

“... [Enquanto] uma parte da raça humana julga e condena a outra sem piedade, o grande Pai do universo vela por toda a família humana com cuidado e consideração paternais; e sem nenhum desses sentimentos mesquinhos que influenciam os filhos dos homens ... Ele ... é um Legislador sábio, e a julgará todos os homens, não de acordo com as estreitas e bitoladas noções humanas ... Não há razão para duvidar da sabedoria e do julgamento do Grande Jeová. Ele conferirá julgamento ou misericórdia a todas as nações, de conformidade com ... suas maneiras de obter conhecimento, as leis por meio das quais se governaram, suas facilidades em obter informações corretas, segundo os inescrutáveis propósitos divinos com relação à família humana.”²³

“Todo o mundo religioso se [vangloria] da retidão; a doutrina do diabo consiste em entorpecer a mente humana e estorvar o nosso progresso, enchendo-nos de [virtude aos nossos próprios olhos.] Quanto mais nos [aproximarmos] de nosso Pai Celestial, mais haverá em nós a disposição de sermos misericordiosos com as almas que estão perecendo; sentiremos o desejo de levá-las sobre nossos ombros e suportar em nossas costas o peso de seus pecados. ... [Se] quereis que Deus seja misericordioso para convosco, sede [misericordiosos uns com os outros.]”²⁴

“Nosso Pai Celestial é mais [liberal] em seus conceitos e mais [ilimitado] em suas misericórdias e bênçãos do que estamos dispostos a crer ou receber; e é, ao mesmo tempo, mais terrível para os que obram iniquidade, mais violento na execução de seus castigos e mais pronto para discernir todo caminho falso, do que supomos que seja.”²⁵

Conclusão

Hoje em dia ainda podem existir indivíduos que acham que esse ensaio sobre raças, pré-existência, e mortalidade seria irrelevante, inconsequente, e que deveria ser abandonado. Infelizmente, as tensões raciais e os conflitos étnicos presentes nos anos 90 mostram claramente que nós ainda não superamos rixas e preconceitos seculares. Por isso, essa discussão é não apenas válida como também necessária. Mas ao invés de confiar em discussões e propostas acadêmicas, eu também acredito que somente a palavra de Deus pode curar feridas e influenciar pessoas a praticar o que é justo²⁶. Como mencionei anteriormente, a doutrina do evangelho restaurado é sã. Os requerimentos para a exaltação são simples e imutáveis a despeito de culturas, raças, ou quaisquer outras variáveis mortais.

²⁰ Deuteronômio 24:16; Ezequiel 18:20; D&C 103:25-26; 124:50

²¹ 1 Samuel 16:7

²² Doutrina & Convênios 88:38

²³ Ensinamentos do Profeta Joseph Smith, página 213

²⁴ *ibid.*, página 235. Colchetes adicionados com tradução alternativa que faz a citação ficar mais próxima do original em inglês.

²⁵ *ibid.*, páginas 250-251. Colchetes adicionados—ver nota de rodapé anterior.

²⁶ Livro de Mórmon, Jacó 2:8; Alma 31:5

Ainda assim, após todas essas considerações, podem ainda existir aqueles que mantêm ressentimentos em relação a outros, que se sentem desconfortáveis com a idéia de encontrar ex-membros de diferentes grupos raciais e étnicos no reino celestial, e que prefeririam excluí-los de sua confraternidade. Eu convidaria tais pessoas a se arrependem de tais sentimentos, lembrando-os que o Senhor e os céus choram com a falta de afeição no mundo²⁷. As escrituras sugerem que os portões do reino celestial só podem ser fechados pelo lado de fora. Ou em outras palavras, somente nossas ações-ou a má utilização do livre arbítrio-pode nos impedir de ser admitidos na presença do Senhor. Indivíduos que nutrem sentimentos preconceituosos não podem excluir dos céus alguém como eu sem primeiro excluir a eles próprios. Jacó declarou: "... o guardião da porta é o Santo de Israel; e ele ali não usa servo algum."²⁸ Assim sendo, aqueles que não conseguem aceitar a idéia de se associar comigo na eternidade podem procurar um outro reino de glória para si mesmos.

Em relação às declarações feitas no passado, eu sugiro que inspecionemos mais cuidadosamente o histórico das Primeiras Presidências desde a revelação de 1978. As suas ações e decisões falam mais alto do que opiniões vagas e velhas interpretações de relatos escriturísticos fragmentários. Por que duvidar de que as bênçãos plenas do evangelho—incluindo exaltação e vida eterna—são mesmo oferecidas aos povos de todas as nações numa era em que profetas vivos estão dirigindo a construção de templos na África e Ásia numa velocidade sem precedentes?

Esta ainda não é a época de sacudir o pó de nossos pés imperfeitos—pelo menos até que sejamos especificamente instruídos a assim fazê-lo por profetas vivos. Por outro lado, esta é certamente a época de irmos a todo o mundo administrar as bênçãos, misericórdia, poder, e ordenanças salvadoras tornadas possíveis pela expiação de Jesus Cristo. Em nome de Jesus Cristo. Amém.

Dr. Marcus Helvécio Martins é natural do Rio de Janeiro, Brasil, formado em Administração de Empresas e Comportamento Organizacional, com doutorado em Sociologia da Religião, e Relações Raciais & Étnicas, todos pela Brigham Young University, em Provo, Utah. Na ocasião deste discurso ele era professor de religião no Ricks College, atualmente BYU-Idaho.

²⁷ A Pérola de Grande Valor, Moisés 7:33, 37

²⁸ 2 Néfi 9:41